



O ENTRE-LUGAR E OS ESTUDOS CULTURAIS

THE BETWEEN-PLACE AND THE CULTURAL STUDIES

Marcos Aurélio dos Santos Souza¹

RESUMO: Nesse artigo, investigamos a importância do termo *entre-lugar*, constituído teoricamente no trabalho de Silvano Santiago e utilizado amplamente no campo discursivo dos Estudos Culturais. Entendido em seu caráter dispersivo, numa perspectiva foucaultiana, esse termo possibilita a ativação de forças de descentramento e de desconstrução, inerentes à concepção pós-disciplinar e ao trabalho de exposição e agressão do pensamento metafísico ocidental, efetivados pelos atuais estudos de cultura.

PALAVRAS-CHAVE: entre-lugar, Estudos Culturais, Pós-disciplinaridade.

ABSTRACT: In this paper, we investigate the importance of the term *in-between*, theoretically constituted in Silvano Santiago's work and thoroughly used in the discursive field of the Cultural Studies. This term is perceived in its dispersion character, by foucaultian perspective, making possible the activation of decentralization and desconstruction forces, inherent to the postdisciplinarity conception and to the exhibition and aggression work of the western metaphysical thought, executed by the current culture studies.

KEY-WORDS: *in-between*, Cultural Studies, postdisciplinarity.

Introdução

O termo *entre-lugar* se constitui um importante operador de leitura para um campo das ciências humanas, que se costumou chamar Estudos Culturais. Ser operador de leitura significa estar inserido, contumazmente, por exemplo, no jargão das pesquisas, teses e dissertações de uma área ou tendência de estudo, articulando e fundamentando noções e conceitos pertinentes à sua *formação discursiva*.

Assim, para entendermos melhor a constituição desse termo, discutiremos, inicialmente, sobre o advento dos Estudos Culturais enquanto *formação discursiva* (no sentido

¹ Professor Assistente de Teoria da Literatura na UESB (Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia), Doutorando em Letra e Linguística pela UFBA (Universidade Federal da Bahia). E-mail: marcosuesb@gmail.com.



foucaultiano) que propicia a emergência e a utilização de uma idéia-chave como a de *entre-lugar* em seus investimentos teóricos e preocupações centrais. Trata-se de traçar uma compreensão teórica e historiográfica dos Estudos Culturais não como área de conhecimento, fechada, imanente, hierarquizada e com princípios fixos, mas como um campo aberto às continuidades às discontinuidades, à concentração e à dispersão. Por isso, a pertinência privilegiada desse operador de leitura no conjunto de suas enunciações.

Em seguida, mapearemos a emergência do termo *entre-lugar* no trabalho de Silviano Santiago em alguns ensaios de *Uma literatura nos trópicos* (1978)². Ainda que este conceito se constitua e se desdobre em outros trabalhos de Silviano, especialmente nos dois que lhe seguiram *Vale quanto pesa* (1982) e *Nas malhas da letra* (1989), nosso objetivo não é traçar uma reflexão linear e totalizadora, como se o termo sofresse algum tipo de evolução ou progresso, mas demonstrar a sua constituição e desdobramentos já no primeiro livro que o desenvolve. É também discutir a sua idéia sem o nome, nesse sentido, o nome fica suspenso e a idéia continua operando leituras.

Esse percurso de leitura e análise não se configura como a narrativa de um termo no interior de uma filosofia, uma ciência, ou disciplina. Mesmo porque os termos, idéias, noções e conceitos de um campo discursivo – evitando, portanto, as nomenclaturas ciência, filosofia, ou disciplina - não se inscrevem de uma forma tão clara e coerente, como um princípio, nem mesmo são responsáveis por uma coerência e imobilidade interna e estrutural desse campo. Nesse sentido, como afirma Foucault (2005: p. 42-43):

Tal análise não tentaria isolar, para descrever sua estrutura interna, pequenas ilhas de coerência; não se disporia a suspeitar e trazer à luz os conflitos latentes; mas estudaria formas de repartição. Ou ainda, em lugar de reconstituir cadeias de inferência (como se faz freqüentemente na história das ciências ou da filosofia), em lugar de estabelecer quadros de diferenças (como fazem o lingüista), descreveria *sistemas de dispersão*.

A *dispersão* permite entender a idéia de *entre-lugar* não como fixidez, mas como possibilidade estratégica que permite a ativação de temas incompatíveis, ou ainda a introdução de um mesmo tema em conjuntos, situações, diferentes. Essa concepção de Foucault, assim, interessa ao nosso trabalho, pois explicita um enunciado ou termo não apenas como um dos elementos configurador de um campo discursivo, mas também como responsável por sua dinâmica transformativa e modificadora.

² Ano da primeira publicação, para as citações utilizaremos a segunda edição de *Uma literatura nos trópicos* (2000). Todas as citações a esse livro estão apenas com o número da página.



Entenderemos esse campo ou essa formação discursiva, chamada Estudos Culturais, optando não pelo percurso histórico de sua formação inglesa ou norte-americana, mas assinalando dois aspectos teóricos de sua caracterização, os mesmos que se articularão na emergência do conceito de *entre-lugar*, presente no pensamento de Silviano Santiago. O primeiro aspecto é a idéia de interdisciplinaridade ou a concepção pós-disciplinar e o segundo o trabalho de exposição e agressão do pensamento metafísico ocidental. Acrescentaremos mais a questão da metacrítica textual, a partir do trabalho de Silviano Santiago com a literatura brasileira, deslocando suas premissas formais, e sua tradição crítica.

O lugar e o *entre-lugar* dos Estudos culturais

Em seu texto “Sobre estudos da cultura” (1994), Jameson levanta algumas expressões para caracterizar os Estudos Culturais, tais como: “Projeto para constituir um ‘bloco histórico’”, “um desejo”, “mais sintoma do que teoria”, “espécie de substituto do marxismo”. Essas entre outras expressões não só evitam uma concepção disciplinar para os Estudos Culturais, como os entende como força pós-disciplinar. Pois segundo o próprio Jameson (idem, p. 13) “seja lá o que forem, nasceram como resultado da insatisfação com outras disciplinas, não meramente com seus conteúdos, mas também com seus próprios limites, enquanto tais”.

Essa força pós-disciplinar, ao contrário do que se pode pensar, é movida pela convivência de forças várias de desleitura, descentramento, de reversão e revisão, e não pelo “sentido fraco” de fim das fronteiras entre as disciplinas, como bem lembra Eneida Leal Cunha (1991: p. 101) Entendidos como desejo, os Estudos Culturais consistiriam nesse espaço articulador, esse *entre-lugar*, sintoma de um momento em que as disciplinas precisam alargar seus conceitos e noções, raptar outros de disciplinas “vizinhas”, “desler” suas premissas, rever seus princípios. As construções deterministas, as estruturas organicamente fechadas do conhecimento perdem assim sua validade epistemológica.

Como projeto de um novo “bloco histórico” e “substituto do marxismo” os Estudos culturais operam ao mesmo tempo uma necessidade de retomada e uma recusa crítica ao pensamento marxista. Tanto na retomada como na recusa, a interpretação marxista se configura a partir da releitura de Gramsci, especialmente, de sua noção de



“bloco histórico”, que recusando a concepção de uma história marxista submissa apenas aos fatores econômicos, investe em estudo aprofundado e amplo acerca das atividades "espirituais" e políticas de uma sociedade. O bloco representa a relação desarmônica entre o consenso da sociedade civil e a coerção da sociedade política. Esta relação, e não apenas os fatores econômicos, gera a história em suas especificidades macro e micro-estruturais.

A influência gramsciana nos Estudos Culturais tornou Marx mais contemporâneo. Ao tornar mais complexos os problemas e as teorias atuais, essa influência marca um momento de mobilização e relacionamento das ciências humanas para uma melhor compreensão do mundo atual, o que mais tarde veio a se chamar interdisciplinaridade ou concepção pós-disciplinar. Ainda que Gramsci não tenha escrito, por exemplo, sobre o racismo e não aborde outros problemas de caráter não apenas econômico, seus conceitos, com bem lembra Stuart Hall (2003: p. 300), são úteis à nossa “tentativa de pensar a suficiência dos paradigmas da teoria social nessas áreas”.

Tal concepção, ao optar pelas especificidades históricas, flagrando realidades, tidas como menores diante do embate da luta de classe, favoreceu um investimento intelectual dos Estudos Culturais, inclusive, no desnudamento daquelas “grandes narrativas”, presentes nas crônicas da colonização, nos relatos heróicos das nações imperialistas, nas histórias literárias etc. - temas não trabalhados pelo marxismo - interpretando-lhes como álibis de uma pretensa justificativa para o exercício do poder colonial e frutos de uma invenção de um discurso, “uma ilusão, um travestimento ideológico pelo qual o Ocidente poderia, face às outras culturas, encarar-se de cima, com um magnânimo olhar humanista”(LIMA, 1988: p.66). Discurso esse que, segundo Marilena Chauí (1981: p. 07), constitui-se e institui-se como linguagem permitida ou autorizada, "na qual os interlocutores já foram previamente reconhecidos como tendo o direito de falar e ouvir, cujos lugares e circunstâncias já foram predeterminados segundo os cânones da esfera de sua própria competência".

Na esteira e além dessa exposição gramsciana, uma outra linha, ao mesmo tempo filosófica, histórica, social e antropológica, constituiu uma importante contribuição para os Estudos Culturais, trata-se da desconstrução ou do pós-estruturalismo francês das décadas de 60 e 70, destacando as contribuições de dois de seus pensadores: Jacques Derrida e Michel Foucault. Para entendermos a estratégia do pensamento dessas duas grandes referências no pensamento contemporâneo e a sua pertinência para o pensamento de



Silviano, desenvolvido em seguida, vamos utilizar uma pequena metáfora etimológica, presente no prefixo *des-*, essa partícula do *entre-lugar*.

Deslocar, descentrar, desconstruir. A grande vitalidade que tem na língua portuguesa o prefixo *des-*, presente nessas e em outras palavras, traduz bem a sutileza do pensamento de Foucault, Derrida. Como registra a etimologia, o *des-* pode ser, entre outros sentidos: coisa (ou ação) contrária àquela que é expressa pelo termo primitivo; cessação de alguma situação anterior; separação de alguma coisa; e, em alguns casos, o prefixo não modifica semanticamente a palavra em que se engancha, apenas lhe acrescenta som, o que os estudos da língua chamam de efeito reforçativo, como nos par sinónimo farelar/desfarelar, aliviar/desaliviar.

Os sentidos do *des-*, seja o mais banal como o de contrariedade, seja o de carácter reforçativo, constituem também as possibilidades de lidar com o conhecimento nas perspectivas de Foucault e Derrida. Nenhum desses sentidos exclui o outro: “ser contrário” tem também efeito reforçativo, reitera ou proclama a existência e a potência daquilo que se contraria. Por outro lado, a reiteração ou o efeito reforçativo não significa, ingenuamente, repetição submissa e inútil, o *des-*, nessa acepção, é um adendo sonoro que chama atenção para a palavra, um parasito que dar corpo a ela, põe-lhe em evidência.

Deslocar, descentrar, desconstruir poderia sugerir, respectivamente: tirar ou mudar um lugar (ou de lugar), ser contrário a um determinado centro e a uma determinada construção. O pensamento, entretanto, é mais sutil: dar visibilidade, reforçar as idéias de lugar, centro e construção, para Foucault e Derrida é mais interessante do que simplesmente negá-las, mesmo porque algo só pode ser contrariado ou atacado se visto, e bem visto.

A atitude metacrítica de Foucault, por exemplo, em seu livro *Nietzsche, Freud e Marx* propõe evidenciar e reforçar o que ele define como o nosso sistema de interpretação, para isso evidencia e reforça o sistema de interpretação do século XVI, mostrando como funciona a rede de semelhança que caracteriza esse século, e como essa rede parece aos nossos olhos: “algo um tanto confuso e enredado” (p. 15). Em seu texto “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”, Derrida (1995) marca a idéia de centro, enfatiza-a, perscruta-a para depois pensar sobre a produção de seu descentramento, partindo das críticas de Nietzsche, Freud e Heidegger.

Há na proposta teórica desses três intelectuais certa potencialização dos termos e



conceitos a que eles propõem criticar, a fim de reconhecê-los bem e poderem articularem astuciosamente seus discursos de deslocamento, descentramento e desconstrução. Se Foucault investiga a semelhança como categoria interpretativa do século XVI, é para em seguida deslocá-la no século XIX, tendo como suporte Nietzsche, Freud e Marx. Assim, como sistema de interpretação, a semelhança perde seu poder, o que não quer dizer, entretanto, que não o tinha. Se Derrida propõe o descentramento, não é para abandonar a idéia de centro, mas é para a partir dela abalar a própria metafísica. Descentrar é, então, ao mesmo tempo reconhecer a idéia de centro e questionar sua validade.

Esse ir e vir teórico constitui forma de reinscrever o arsenal consagrado das ciências humanas no mundo presente. Nessa reinscrição, o signo perde sua aura e a interpretação destitui a atração transcendente entre significante e significado, o centro passa a não ter lugar natural ou lugar fixo e a idéia de originalidade só passa a ter valor quando é agredida pelo revés do simulacro. As referências sofrem um processo de suspensão ou suspeição, de tal forma que não é possível pensar conceitos e sentidos sem operar deslocamentos, descentramentos ou desconstruções.

Uma literatura do *entre-lugar*

No primeiro livro de ensaios de Silviano Santiago *Uma literatura nos trópicos* (2000), o termo *entre-lugar* assume a direção dos pensamentos de Derrida (*Escritura e diferença, Gramatologia, Positions*) e Foucault, (*Arqueologia do Saber*) ao se estabelecer como reforçativo da razão metafísica colonial, ao tempo em que aciona estratégias para sua transgressão. Mais uma vez, trata-se de uma identificação mais precisa possível daquilo que se propõe atingir, para que a transgressão não se torne um jogo de cabra-cega. Traçar da forma mais nítida os contornos de uma construção, para em seguida desconstruí-la, crítica e sistematicamente.

Percorre pelos ensaios do livro, como afirma em “Nota Prévia” o próprio Silviano “uma obsessão temática – o desejo de colocar com precisão certos problemas levantados pelo texto e de resolvê-los com precaução metodológica e perspectiva histórica” (p. 07). Precaver-se, metodologicamente, toma aqui o sentido de destrinçar, dizer ou expor com minúcia, esmiuçar, minudenciar, os “certos” problemas do texto, constituindo a força, inscrita pela precaução, e a resistência pela resolução. O método é, portanto, de exposição



de uma potência e de contraposição estratégica, formulada a partir da noção de *entre-lugar*.

Para negar ou afirmar qualquer postulado é preciso compreendê-lo. Investir uma resposta eficiente pressupõe o entendimento da questão colocada. Assim é que Silviano abre seu primeiro ensaio, intitulado “O *entre-lugar* do discurso latino-americano”, expondo o pensamento de Montaigne acerca dos bárbaros no Novo Mundo e estabelecendo um liame com os demais ensaios, a partir da configuração do termo *entre-lugar*, como operador de leitura ou resposta estratégica ao pensamento colonizador. A compreensão perpassa pelo esforço interpretativo que procura colocar as idéias no devido lugar, para em seguida deslinda-la, rasura-la, desloca-la muitas vezes com violência exemplar, pois, conforme Foucault, “a interpretação não aclara uma matéria que com o fim de ser interpretada se oferece passivamente; ela necessita apoderar-se, e violentamente, de uma interpretação que está ali, que deve trucidar, revolver e romper a golpes de martelo” (p. 23).

Montaigne é fratura exposta. Seu discurso nos *Ensaio*s é interpretado por Silviano ao mesmo tempo como força e fracasso da colonização, enquanto projeto de confiante sobrepujança ideológica e cultural sobre a etnia dominada. A citação da abertura do capítulo XXXI, em que Montaigne registra o sobressalto do Rei de Pirro ao constatar que o exército romano, por pressuposição bárbaro e inferior, na verdade é tão organizado quanto o grego, tido como superior, reverbera como um abalo tímido inicial, que toma proporções mais contundentes, até se constituir no conceito de *entre-lugar*, o qual passará a constituir um processo de inversão de valores.

Montaigne é um mote que ao mesmo tempo aciona e tropicaliza o corrosivo cabedal teórico legado pelo pós-estruturalismo francês. Legado, não no sentido de herança ou transmissão passiva, mas no sentido etimológico de *legis* (ler), de leitura ativa de Silviano dessa linha de pensamento. A *interpretação* no sentido foucaultiano, por isso grafada em itálico, no último ensaio “Análise e interpretação”, distancia-se da idéia de análise estrutural, pois enquanto essa última acredita na possibilidade da apreensão do objeto, através da reconstrução de um modelo submisso do mesmo, manifestando nesse trabalho suas regras de funcionamento, a segunda a “golpes de martelada”, violenta o objeto, mantém com ele, de uma só vez, cumplicidade e suspeita.

Exerce, assim, um papel semelhante ao simulacro deleuziano que expõe o sentido pretensamente essencial de um objeto, destituindo-lhe o caráter de originalidade e essência. Diferente da cópia platônica, o simulacro não é submisso, mas transgressivo. Efetua uma



poderosa inversão, de tal modo que para o próprio Deleuze, o original ou a cópia “não têm por essência senão serem simulados” (1974: p. 268).

É desse conceito de simulacro, ou da sua sugestão, que irrompe o conceito de *entre-lugar* no texto de Silviano Santiago. Adaptado aos trópicos, esse conceito passa a significar um movimento de resistência do colonizado à imposição dos valores do colonizador europeu. Latino-americanizado passa a ser também um locus de enunciação, espaço territorial, geográfico, espaço discursivo. “A América Latina institui seu lugar no mapa da civilização ocidental, graças ao movimento de desvio da norma, ativo e destruidor, que transfigura os elementos feitos e imutáveis que os europeus exportavam para o Novo Mundo” (p.16). Esse conceito conforme Nubia Jacques Hanciau (2005: p. 127) se insere no conjunto de conceitos indicadores de zonas de descentramento, que vêm testemunhar as heterogeneidade e deslocar a única referência atribuída à cultura européia, no momento da debilitação dos esquemas cristalizados de unidade, pureza e autenticidade, tais como: "lugar intervalar (E. Glissant), *tercer espacio* (A. Moreiras), espaço intersticial (H. K. Bhabha), *the thirdspeca* (Revista *Chora*), *in-between* (Walter D. Mignolo e S. Gruzinski), caminho do meio (Z. Bernd), zona de contato (M. L. Pratt) ou de fronteira (Ana Pizarro e S. Pesavento)”.

Sem poder se configurar como originalidade nem fechar suas portas ao estrangeiro para exercer sua "diferença essencial", a América Latina, entendida como *locus* de enunciação do *entre-lugar*, assume então, na trilha do pensamento de Derrida (1995), os sentidos do desvio semântico francês, operado pelo jogo da *différance*. Isso significa ser, ao mesmo tempo, diferimento, ou repetição e diferença, marca de contestação e contrariedade - ou para utilizar o termo de Silviano, marca de agressão. Nesse sentido, ao “macaquear” o colonizador, o índio, símbolo da própria resistência do colonizado não lhe repete automática e selvagemmente seus valores, mas os “simulacra” (o verbo nos é possível), expondo pela repetição e diferenciação a fragilidade e os mecanismos do discurso metafísico ocidental. Ao mesmo tempo, ele (o colonizado) enriquece seu poder de representação, porque utiliza desse próprio discurso para exercer uma resistência, daí sua atitude antropofágica: devorar, obter entender a força do outro. É na literatura latino-americana, campo eleito e privilegiado por Silviano, que se exerce de forma mais contundente o discurso do *entre-lugar*. Nela se aceita a prisão como forma de comportamento e a transgressão como forma de expressão:

Entre o sacrifício e o jogo, entre a prisão e a transgressão, entre a submissão ao



código e a agressão, entre a obediência e a rebelião, entre a assimilação e a expressão – ali, nesse lugar aparentemente vazio, seu templo e seu lugar de clandestinidade, ali, se realiza o ritual antropófago da literatura latino-americana. (p. 26).

A literatura na América latina, não é apenas espaço político, ou entidade nacional, mas um *locus* de representação das situações de dependência e de subordinação que se presta a entender e a interpretar, inclusive outras situações de pretensa supremacia de uma nação ou de uma etnia sobre a outra. Assim Silviano conclui ao analisar o trabalho de *différance* do Primo Basílio de Eça de Queirós sobre *Madame Bovary* de Flaubert:

Tanto em Portugal, quanto no Brasil, no século XIX, a riqueza e o interesse da literatura não vêm tanto de uma *originalidade do modelo*, do arcabouço abstrato ou dramático do romance ou do poema, mas da *transgressão* que se cria a partir de um *novo* uso do modelo pedido de empréstimo à cultura dominante. Assim, a obra de arte organiza-se a partir de uma meditação silenciosa e traiçoeira por parte do artista que surpreende o *original* em suas limitações, desarticula-o e rearticula-o consoante sua visão segunda e meditada da temática apresentada em primeira mão na metrópole. (p.56)

O trabalho do intelectual ou do escritor nesse *entre-lugar* tem, então, duas direções, a primeira expor as variantes formais de uma *fonte* ocidental, a segunda traduzi-las em uma interpretação que lhe subverta o teor de verdade imóvel ou de sacralização original. Isso muitas vezes exige tanto um investimento colossal de leitura quanto uma ação criativa sobre o material lido, pois “o escritor latino-americano é o devorador de livros (...) O conhecimento não chega nunca a enferrujar os delicados e secretos mecanismos da criação; pelo contrário, estimulam seu projeto criador, pois é o princípio organizador do texto” (p. 25).

Essa leitura volumosa e criativa tem como exemplo interessante a obra machadiana. Silviano destaca em “Retórica da verossimilhança” como, em *Dom Casmurro*, Machado de Assis consegue através dessa dupla tarefa de leitura e criação, demonstrar o domínio consciente da tradição retórica ocidental para compor um personagem que exhibe a fragilidade do discurso metafísico, sustentado cabalmente, pela idéia de verdade, assim como por seus postulados de influência e origem.

Machado de Assis – podemos concluir – quis com *Dom Casmurro* desmascarar certos hábitos de raciocínio, certos mecanismos de pensamento, certa benevolência retórica – hábitos, mecanismos e benevolência que estão para sempre enraizados na cultura brasileira, na medida em que foi ela balizada pelo



“bacharelismo”, que nada é mais, segundo Fernando de Azevedo, do que ‘um mecanismo de pensamento a que nos acostumara a forma retórica e livresca do ensino colonial’, e pelo ensino religioso”. (p. 46)

Para dar conta de uma interpretação efetiva da obra machadiana, Silviano Santiago constitui seu texto, fazendo referências aos vários campos disciplinares, o do discurso jurídico, da historiografia e da filosofia, efetivando, assim, um trabalho pós-disciplinar, sintonizado com a perspectiva dos estudos culturais. Essa articulação pós-disciplinar permite também a percepção do reducionismo da crítica literária tradicional no Brasil, que pode ser compreendida como a ação de formas de interpretação hegemônicas que acostumam e não escandalizam o gosto de quem as legitimam. A tradição não se limita apenas ao trabalho do crítico, mas também não se encontra totalmente neles, espalha-se na história da literatura e nas formulações teóricas do literário que atribuem ou pressupõem um valor a determinado escritor ou a determinada obra. Tais processos interpretativos se caracterizam pelo impulso da não contestação e de um respeito venerável a um passado "essencial".

Nesse sentido, tradição coaduna-se ainda com a idéia foucaultiana de unidade discursiva que reduz a diferença, “para retroceder na atribuição indefinida da origem”, graças a qual, “as novidades podem ser isoladas sobre um fundo de permanência, e seu mérito transferido para a originalidade, o gênio, a decisão própria dos indivíduos” (FOUCAULT, 2005, p. 23-24). Trata-se de um domínio crítico que se sustenta e se mantém através de uma série de procedimentos já cristalizados por uma sintaxe marcadamente teleológica (como o discurso da origem e da influência) e, sobretudo, pela constituição do poder de fala e de escritura que constitui e hierarquiza o valor literário.

Tal poder adquire força, por sua vez, através de seus próprios procedimentos de leitura, à medida que salvaguarda, por exemplo, interesses de manter incólumes, numa interpretação algumas vezes previsível, nomes de escritores e de obras tidas como instauradores de uma escola ou período literário ou modelos narrativos e poéticos. Usando, propositadamente, o termo sob rasura, a tradição da crítica é aquela que se reduz ao papel de guardião do *status quo* do cânone literário, usando esse papel, inclusive, como elemento da sua própria consagração.

O crédito que se dá a esse discurso passa também por idéias pré-concebidas, alimentadas pela permanência dessa prática discursiva. Nessa esteira, cabe à história da literatura, com sua linearidade, sistematizar o domínio dessa tradição, através de uma



relação perniciososa com a crítica, configurando uma rede autoritária de julgamentos dos bons e dos maus, dos pequenos e dos grandes nomes da literatura brasileira. As opiniões lacônicas, os rodapés, os silêncios excludentes, esses rasgos de uma crítica deficiente no trabalho do historiador, funcionam como aforismos pouco questionáveis, pululam de uma forma espantosa no mercado editorial, viram material didático e se estabelecem como um *regime de verdade*.

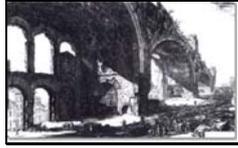
Conforme Silviano Santiago no seu primeiro ensaio a atividade de crítica literária torna-se redutora e arbitrária, ao esmiuçar uma genealogia de influências de um poema ou romance “como se a verdade de um texto só pudesse ser assinalada pela dívida e pela imitação” (p. 19). Os epígonos ou os tardios, distantes do primeiro texto passam, assim a representar para o crítico da tradição um “grupo de corpúsculos anônimos que se nutre da generosidade do chefe de escola e da memória enciclopédica do crítico” (p. 18). Há no trabalho dessa crítica, sobre a qual os ensaios de Silviano em *Uma literatura nos trópicos* efetivam uma análise recorrente, aquele mesmo desejo de divisão que Deleuze localizou no *Fedro* de Platão, derivado do fato de que “muitos pretendentes surgem para dizer ‘O inspirado, o amante, sou eu’” (DELEUZE, 1998, p. 260). O trabalho do crítico tradicional é, pois, “filtrar as pretensões, distinguir os verdadeiros pretendentes dos falsos” e também criar o modelo imanente ou o fundamento-prova de acordo com o qual os pretendentes devem ser julgados e sua pretensão medida.

Silviano mostra em seus ensaios como o crítico do (e no) *entre-lugar* deve trabalhar com um complexo sistema de obras, explicado tradicionalmente por essa percepção metafísica, cuja única originalidade é o estudo das fontes e das influências. O trabalho do crítico deve ser o de assinalar os elementos da obra que marcam sua subversão e não apenas sua dependência, pois se existe uma fonte inspiradora esta se torna estrela intangível, e brilha para os artistas dos países da América Latina, “quando estes dependem de sua luz para seu trabalho de expressão”(P. 25). Associado ao exercício intelectual do escritor e do pensador dos trópicos, o termo *entre-lugar* possui, assim, uma recorrência importante no livro que o lança: um investimento, um projeto teórico, fundamentado tanto numa exposição lúcida do *modus faciendi* da crítica literária tradicional quanto no trabalho pós-disciplinar e nas situações limiares, aspectos privilegiados pelos Estudos Culturais.



Referências bibliográficas

- CHAUÍ, Marilena. *Cultura e democracia: (o discurso competente e outras falas)*. São Paulo: Ed. Moderna, 1981.
- CUNHA, Eneida Leal. Literatura Comparada e Estudos Culturais: ímpetos pós-disciplinares. In: ANDRADE, Ana Luiza, CAMARGO, Maria Lucia de Barros et al (org.). *Leituras do Ciclo*. Chapecó: ABRALIC e Grifos, 1999, p. 101-103.
- DELEUZE, Gilles. "Platão e o simulacro". In: *Lógica do Sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 259-272.
- DERRIDA, Jacques. A estrutura, o signo e o jogo no discurso das Ciências Humanas. In: _____. *A escritura e a diferença*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- FOUCAULT, Michel. *A Arqueologia do saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986
- FOUCAULT, Michel. *Nietzsche, Freud & Marx. Theatrum philosophicum*. 4ª ed. Tradução de Jorge Lima Barreto. São Paulo: Princípio, 1987
- HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais*. Org. Liv Sovik; Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.
- HANCIAU, Núbia Jacques. "Entre-lugar". In: FIGUEIREDO, Eurídice. *Conceitos de literatura e cultura*. Juiz de Fora: UFJF, 2005, p. 125-141.
- JAMESON, Frederic. "Sobre os 'Estudos de Cultura'". IN. *Novos Estudos*, CEBRAP, n° 39, jul/1994, pp. 11-48.
- LIMA, Luiz da Costa. Clio em questão: A narrativa na escrita da história. In: PRADO Júnior, Bento et al. *Narrativa: ficção e história*. Rio de Janeiro: Imago, 1988, p. 63-87.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma Literatura nos Trópicos*. 2 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.



Travessias número 01 revistatravessias@gmail.com

Pesquisas em educação, cultura, linguagem e arte.
